

JUVENTUDES: entre esperanças, estações interrompidas e desejos de paz^{107*}

Kelma Socorro Lopes de Matos¹⁰⁸

Universidade Federal do Ceará

Resumo

O presente estudo trata dos jovens alunos do Projovem Fortaleza, com relação ao seu retorno à “escola”, como se sentem no Programa, quais os desafios que enfrentam após anos sem estudar em instituição oficial, como foram recebidos. Esses jovens falam de suas esperanças, após vivenciarem “estações de interrupção” quanto à continuidade de seus estudos devidas a vários motivos como entrar cedo no mercado de trabalho, gravidez na adolescência, dentre outros. Trabalhamos, ainda, quanto à sua percepção sobre a construção da cultura de paz nas escolas. Para tanto realizamos pesquisas bibliográfica, documental e de campo (entrevistas, observações, grupos focais, registros de oficinas), entre 2005 e 2011, com jovens, docentes e gestão do Projovem em Fortaleza. Utilizamos, ainda, relatórios dos formadores. Como principais resultados ressaltamos que esses jovens buscam outras experiências educacionais, ante a “trajetória de interrupções” que vivenciam, no sistema educacional oficial (MATOS, 2003). Voltar a estudar, para a maioria dos jovens, é ter a esperança de que o Projovem exerça um papel fundamental no redimensionamento de suas vidas com: a conclusão do ensino fundamental e a certificação em apenas um ano; atribuição de bolsa; preparação para o mundo do trabalho, aquisição de qualificação profissional; ampliação de sua rede de relações interpessoais. É preciso educar também sentimentos, emoções, valores, pois a capacidade de expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos. Por outro lado, a educação da afetividade pode levar as pessoas a se

107 * Recebido em: junho/2013. – Aceito em: setembro/2013.

108 Professora associada do Departamento de Fundamentos da Educação - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Juventudes, Escola, Educação Ambiental, Cultura de Paz e Educação e Espiritualidade. E-mail: kelmatos@uol.com.br.

conhecerem e a compreenderem melhor suas emoções e as emoções dos outros ao seu redor.

Palavras-chaves: juventudes, Projovem, cultura de paz.

Youths: among hope, interrupted stations and peace desire.

Abstract

The present study deals with the young students Projovem Fortaleza, regarding his return to “school”, how they feel in the program, what challenges they face after years without studying in official institution, they were received, so speak to your hopes, after experiencing “stations interrupt” the continuity of their studies, for various reasons such as entering early labor market, teenage pregnancy, among others. Work even as their perception about building a culture of peace in schools . to both conduct research literature, documentary and field (interviews, observations, focus groups, workshops records) conducted between 2005 and 2011 with youth, teachers and management Projovem in Fortaleza. We also use reports from trainers. The main results highlight that seek other educational experiences, before the “path interruptions” that live in the official educational system (Matos, 2003). Going back to school, for most young people, is to hope that the exercises a Projovem role in their lives with resizing: the completion of elementary education and certification in just one year, receiving the scholarship, go prepared for the world of work, pass the qualification; expand its network of interpersonal relationships, is also necessary to educate feelings , emotions, values for expressing and controlling their own feelings may be one of the most difficult aspects of conflict resolution. On the other hand, education of affection can cause people to get to know and better understand your emotions and those of others around you.

Keywords: youths, Projovem, culture of peace.

Juventudes, escola, oportunidades

O presente estudo é resultado de pesquisas (entrevistas, observações, grupos focais, diários de campo, registros de oficinas) realizadas entre 2005 e 2011 com jovens, docentes e gestão do Projovem em Fortaleza. Utilizamos, ainda, relatórios dos formadores e de estagiários, produzidos no decorrer da formação com os docentes do Projovem.

No período citado foi implementado o projeto que firmou parceria entre a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará e a Prefeitura Municipal de Fortaleza (Assessoria da Juventude), denominado “Projeto Formação de Professores do PROJOVEM em Fortaleza”, coordenado pela Profa. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos, e composto por alunos do Curso de Pedagogia (estagiários) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC (Formadores). O objetivo foi fomentar a formação continuada dos educadores do Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem (MATOS, 2008).

A falta de conhecimento e do diálogo com as juventudes¹⁰⁹ é causa essencial para que os conteúdos escolares, muitas vezes, não sejam compreendidos, ou não sejam considerados importantes para suas vidas. Assim, os jovens buscam outras experiências educacionais, ante a “trajetória de interrupções” que vivenciam, das mais diversas formas, no sistema educacional oficial: evasão por falta de identificação e/ou de apoio, referente ao espaço escolar; gravidez precoce; iniciam cedo no mercado de trabalho para ajudarem as famílias, ou seja, compartilham o processo de exclusão social (MATOS, 2003).

Muitos desses jovens sentiram-se atraídos pelo Projovem por alguns motivos centrais: possibilidade de elevação da escolaridade em apenas um ano, pela formação para o trabalho e pela bolsa de R\$ 100,00. Além disso, o Projovem representa, também, uma oportunidade de retornarem a um espaço seu por direito, de onde, muitas vezes, foram “expulsos” (MATOS, 2008).

109 Nesse trabalho não discutiremos especificamente o conceito de Juventudes. Para aprofundar esta temática Cf. ABRAMO (1994, 1999); BOURDIEU (1983), CARRANO (2000); GROPPPO (2000), MATOS (2003), MELUCCI, (1997), NOVAES (2000), PERALVA, (1997); SPÓSITO (1992,1997).

Projovem em Fortaleza

O Programa Nacional de Inclusão de Jovens¹¹⁰ (Projovem) foi implantado em 2005, sob a coordenação da Secretaria-Geral da Presidência da República, junto aos Ministérios da Educação, do Trabalho e Emprego, e do Desenvolvimento Social de Combate à Fome (SALGADO, 2005).

A sua execução no período de 2005 a 2008 aconteceu num primeiro formato, atendendo jovens entre dezoito e vinte e quatro anos, que tivessem cursado até a quarta-série do Ensino Fundamental, sem a conclusão da 8ª série (9º ano). Esses jovens não poderiam ter vínculos empregatícios formais (carteira assinada). A base de integração interdimensional do referido programa possui três eixos: educação básica, qualificação profissional e ação comunitária¹¹¹.

Em 2008, foi aprovada uma legislação (BRASIL, 2008) em que o Programa foi ampliado, tornando-se *Projovem Integrado*, com quatro modalidades:

Projovem Adolescente – complementar à proteção social básica à família e reestruturação do programa Agente Jovem; **Projovem Campo** – amplia o acesso e permanência dos jovens agricultores familiares, promovendo elevação da escolaridade, com o regime de alternância dos ciclos agrícolas; *Projovem Trabalhador* – unifica os programas Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Escola de Fábrica, preparando os jovens para o mercado de trabalho e ocupações alternativas geradoras de renda; e enfim o *Projovem Urba-*

110 O Projovem foi criado junto a Secretaria Nacional de Juventude e ao Conselho Nacional de Juventude, lançados pelo Governo Federal em 2005. Sobre as Políticas para as Juventudes Cf. *Políticas* (2005), material publicado pela UNESCO.

111 A Formação Básica resulta de um currículo baseado nas Diretrizes Curriculares Nacionais (PCN'S/ DCN, 2000). A qualificação profissional trouxe a proposta da inserção do jovem no mercado de trabalho, por isso apresenta arcos profissionais. A ação comunitária desenvolve uma relação entre o jovem e a comunidade, com a construção de um Plano de Ação Comunitária – PLA. Cf. sobre a Qualificação Profissional Adriano (2008), Santos (2008) e Soares, Braga, Duarte, Matos (2009). Para um maior aprofundamento sobre a Ação Comunitária, vide Campos, Brito, Andrade (2008).

no, que é uma política de continuidade, reformulada do Projovem Original. (MATOS, LUZ, SOUZA, 2009, p14).

O Projovem Urbano ressaltou algumas mudanças: a faixa etária foi ampliada para o intervalo entre 18 a 29 anos, desde que os jovens fossem alfabetizados e ainda não tivessem concluído o ensino fundamental. O período do curso, inicialmente com doze meses, passou a ser de dezoito meses, e a carga horária total de 1600 horas ficou com 2.000 horas, divididas em 1.560 presenciais (atividades em sala de aula, em campo, qualificação profissional e ação comunitária) e 440 não presenciais (leituras, guia de estudo). Foram acrescentados mais dois módulos à formação: *Juventude e Cultura*, *Juventude e Cidade*, *Juventude e Trabalho*, *Juventude e Comunicação*; *Juventude e Tecnologia* e *Juventude e Cidadania*. A articulação entre as três dimensões continuou, assim como a bolsa mensal de R\$100,00, para os discentes com frequência regular. Ao final do curso, após avaliação externa¹¹², a Secretaria de Juventude de Brasília certificava os jovens da conclusão do ensino básico, caso fossem aprovados

O Projovem foi implantado, num primeiro momento, nas capitais dos Estados. Em Fortaleza, de 2005 a 2011, o programa foi executado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, através da Assessoria da Juventude, ligada ao Gabinete da Prefeita em exercício. Os jovens foram atendidos em escolas municipais, no período noturno. De início a organização deuse em Estações Juventude¹¹³ e, posteriormente, foi feita em três polos.

A coordenação municipal, em muitos casos sob responsabilidade das prefeituras, teve a responsabilidade de contratar professores, garantir a estrutura física, comprar e distribuir

112 A avaliação no Projovem acontecia por meio da avaliação diagnóstica, unidades formativas; cadernos de registro e avaliação, e exame nacional de certificação, obrigatório ao final do curso (SILVA, 2008).

113 A Estação foi formada pelo conjunto de oito núcleos (cada um em uma escola) sob uma mesma coordenação pedagógica e administrativa. Cada núcleo possui cinco salas de aula, com uma média de 25 a 30 alunos. Na Estação Juventude, há um coordenador pedagógico e um coordenador administrativo. Nesse período funcionavam 14 estações juventudes, cada uma constituída por 8 núcleos, sendo que cada núcleo era formado por 5 salas de aula, com cerca de 30 alunos por sala (MATOS, 2008).

a merenda escolar e realizar a entrega do material didático. Além disso, foi encarregada de fazer a matrícula dos alunos, no caso de Fortaleza, normalmente residentes na periferia da cidade¹¹⁴.

Em Fortaleza, Embora a primeira formação de professores tenha acontecido em outubro de 2005, o funcionamento efetivo do Projovem ocorreu em dezembro do mesmo ano. Alguns pontos devem ser ressaltados quanto a esse primeiro período:

- falta de acesso dos jovens aos laboratórios de informática das escolas e aos recursos audiovisuais;
- alunos em níveis muito diferentes quanto à formação e capacidade intelectual;
- algumas escolas não possuíam infraestrutura ideal para as aulas (salas pequenas quentes, com falta de iluminação, banheiros não funcionavam);
- atraso da bolsa dos alunos (R\$100,00), que não poderia ser resolvido em Fortaleza, pois a instituição responsável era o Centro de Avaliação Educacional (CAEd), localizado em Juiz de Fora (MG). Houve problemas com os cadastros, e muitos alunos não receberam a bolsa durante certo período, e outros, faltosos, a receberam normalmente;
- preconceito no retorno desses jovens às escolas, em especial por parte de alguns gestores;
- velocidade intensa na dinâmica do Projovem.

Apesar de todas essas questões, os jovens alunos demonstraram esperança de que o Programa funcionasse como uma oportunidade para eles. Além da certificação e da aprendizagem dos conteúdos, os laços de amizade e acolhimento foram fatores essenciais para a sua permanência, é o que veremos a seguir.

114 Os bairros e escolas do Projovem Fortaleza foram selecionados considerando-se o maior índice de risco social vivenciado pelos jovens.

Entre esperanças e estações interrompidas

É preciso compreender o presente não apenas como presente de limitações, mas também de possibilidades...
(Paulo Freire)

Voltar a estudar, para a maioria dos jovens, agora com mais idade e certa experiência, é ter a esperança de que o Projovem exerça um papel fundamental no redimensionamento de suas vidas com: a conclusão do ensino fundamental e a certificação em apenas um ano; atribuição de bolsa; aquisição de qualificação profissional e preparação para o mundo do trabalho; ampliação de sua rede de relações interpessoais, consideradas por alunos e professores como o aspecto mais importante para o andamento consistente dos trabalhos (MATOS, NONATO JUNIOR, 2008):

E o que eu mais gostei foi ter feito novas amizades, e o aprendizado que tá maravilhoso. Aprendi muita coisa, o que eu não aprendi durante 23 anos da minha vida, aprendi durante um ano agora no Projovem (Vanessa, 24 anos. Solteira. Trabalho avulso).

O que eu mais gostei foi de conhecer pessoas novas, ter feito amizades! Dos professores! (Gledson, 21 anos. Solteiro. Não Trabalha).

Gostei de fazer novos amigos, e aprender mais. Coisas muito interessantes que eu aprendi aqui e não sabia. Agora é pouco tempo, em novembro a gente termina. (Natália, 19 anos. Casada. Dona de casa).

As experiências anteriores os levam a pensar nas suas trajetórias e estações interrompidas, com relação aos estudos. Normalmente, as jovens indicam que pararam de estudar porque engravidaram e tiveram de cuidar dos filhos:

Eu não tinha muito como estudar porque tinha quatro filhos, e ficou difícil terminar. Eu parei na 6ª série. Essa é uma oportunidade única na vida. A gente tem a vantagem de terminar quatro anos em um. Eu preciso

terminar porque pretendo conseguir um emprego. Eu acho que o Projovem é uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida. (Vanessa, 24 anos. Solteira. Trabalho avulso).

Eu comecei a estudar e fiz até a 6ª série. Ai passei pra 7ª e engravidei, e tive de abandonar meus estudos. Ai apareceu o Projovem, uma oportunidade boa pra gente, **podia até trazer os filhos**, eu me inscrevi. (Ana Paula, 21 anos. Solteira. Dona de casa).



Fonte: própria autora

Quanto à volta dos alunos considerados “indesejáveis”, certos gestores de escolas municipais em que o Programa estava acontecendo posicionaram-se contrários ao acesso desses jovens, que tinham sido “expulsos”, e questionaram “por que inseri-los novamente na instituição”? A “homogeneização” aparentemente facilita, para determinadas gestões, a “administração da exclusão” (SANTOS, 1995). Os jovens sentiram essa discriminação:

Com relação à diretora da escola: Projovem é projovem, e escola é escola, então eles não têm nada a ver! Às vezes a gente quer ir para um certo setor e incomo-

da a diretora do colégio! (Francisco Roberto, 24 anos. Solteiro. Não trabalha).

Bom, no caso assim, o diretor daqui, ele tem um pouco de preconceito com a gente do Projovem. Tudo o que acontece aqui na escola foi o Projovem. (Ana Paula, 21 anos. Solteira. Dona de casa).

... o diretor mesmo, ele é legal mas sempre reclama da gente! Aqui tem gente que tem preconceito. Tudo de ruim que acontece são as pessoas do Projovem, como da vez que sumiu um pacote de macarrão, e foi um outro aluno, mas disseram que foram as pessoas do Projovem. Eu acho que deveriam ver a gente da mesma maneira que veem outras pessoas, pois todo mundo precisa ser respeitado e respeitar o próximo. (Daniele, 24 anos. Casada. Não trabalha).

Por outro lado, houve também gestores¹¹⁵ que os acolheram, e nesses espaços o Programa desenvolveu-se com mais fluidez, compartilhando recursos materiais e humanos. Aconteceram diversas reuniões entre a Coordenação Municipal do Projovem Fortaleza com a Secretaria de Educação Municipal, para que o Programa pudesse acontecer, de acordo com o planejado, em todas as escolas.

Ainda há uma cultura que não ensina aos docentes e gestores como é significativo aprender com os alunos; por isso também e, infelizmente, muitos não sabem agir de outra forma. Temem se arriscar com essa experiência que os desnuda, mas que também abre caminhos para a construção de uma prática pedagógica mais corajosa. Maclaren é um dos autores que defendem o aprendizado com os alunos:

Há sempre um movimento defensivo em torno da prática de deixar os alunos contarem suas próprias histórias. Os professores devem estar atentos para não silenciarem inadvertidamente os alunos através de

115 Sobre a gestão e a democracia na escola Cf. PARO (1995); LUCK (2000); CAMPOS, MATOS (2001); TORRES, GARSKE (2000).

tendências ocultas em suas próprias práticas pedagógicas. (1999, p. 250).

Relativizar essas questões é importante para que não desabe toda a responsabilidade sobre o professor. Nesse sentido, um ponto central a ser ressaltado na construção do Programa é a relação entre docentes e discentes. De modo geral, os jovens afirmam que sentem grande admiração por seus professores, pois eles ensinam bem, compreendem o contexto em que vivem e buscam estabelecer um clima amigável, apresentando sensibilidade e firmeza. Cederam quanto às vestimentas dos discentes, inclusive quanto ao uso de bonés, tratando-os com respeito, incluindo-os. Acolher esses jovens que foram “expulsos” da escola é essencial pois “(...) o elo perdido dos sistemas educacionais do mundo inteiro é a falta de foco na dimensão afetiva.” (TILLMAN, COLOMINA, 2004. p.30).

São todos maravilhosos, os professores dão muito incentivo ... muita gente, infelizmente, desiste. Os professores só elogios... a professora que tava ali e eu ficava enchendo o saco dela, a professora Michele, foi uma pessoa que me deu muito incentivo, *foi uma pessoa que me ajudou com o carinho dela, eu era uma pessoa envolvida com drogas*, e não uso mais. (Vanessa, 24 anos. Solteira. Trabalho avulso).

Os professores sabem como ensinar bem a pessoa. Sabem como explicar melhor, têm paciência, ensinam a pessoa com mais proximidade, e a pessoa aprende mais rápido. São muito bons profissionais. (Germano, 25 anos. Solteiro, Serviços Gerais).

Os professores todos são legais, são super eficientes com os alunos, são atenciosos. Eles ensinam as matérias bem, eles fazem com que a gente se esforce cada vez mais. (Daniele, 24 anos. Casada. Não trabalha).

Por meio da proximidade com os jovens alunos, os docentes identificaram algumas de suas potencialidades e as valorizaram: uns fazem salgados, outros lutam capoeira, fazem bijuteria, bonecas, pinturas, peças de teatro, música, danças. Assim,

aconteceram bazares, feiras públicas e outros eventos nos quais esses jovens puderam expor e vender seus trabalhos. Todas essas oportunidades e conhecimentos reconhecidos favoreceram a autoestima dos jovens alunos. Eles demonstram que confiam e acreditam que podem continuar no curso e ir além.

... eu achava que era incapaz de tentar uma UFC da vida, uma CEFET, e eu nunca imaginei que eu fosse botar meus pés numa universidade. Hoje em dia tou aqui firme e forte, e se Deus quiser eu não vou desistir. É claro que tem dias que a gente tá querendo desmerecer, mas tendo fé em Deus, jamais vai desistir. (Vanessa, 24 anos. Solteira. Trabalho avulso).

Ah! Subiu a minha autoestima. Eu fiquei mais sabia! Conheci matérias novas. E as matérias que também já foram dadas, aprendi muita coisa! O que eu mais gostei foi de ter voltado a estudar, a aprender. Eu queria que tivesse o projovem no segundo grau. (Jaqueline, 25 anos. Casada. Não trabalha).

Além do processo de fortalecimento da autoestima, tanto a Qualificação Profissional, quanto a Ação Comunitária surtiram um efeito muito positivo, com grande aceitação por parte dos alunos, tornando-se um dos principais fatores para a sua motivação.

É o esquema do PLA, que é a ação comunitária! É bom porque a gente pode trabalhar na nossa comunidade Ajudando todo mundo a crescer junto! O que eu mais gostei foi do esquema do PLA, que a gente tá preparando um encerramento. A gente tá juntando um monte de cultura aí, um monte de arte, pela nossa periferia, prá fazer uma festa bem boa! (Antonio Robson, 21 anos. Casado. Tatuador/artesão).

Acontecem muitas coisas diferentes no Projovem, porque o Projovem procura envolver a gente na comunidade! Procura envolver a gente com o nosso futuro, com a nossa profissão! Tem muitas palestras! Assim, já teve umas seis palestras, sobre vários temas. É bem diferente. Porque nas escolas normais você en-

tra, senta, faz a tarefa, vai pro intervalo, faz a atividade novamente e vai embora. E aqui eles passam bastante coisas interessantes. (José Erickson. 18 anos. Solteiro. Não trabalha).

No PROJOVEM tem umas matérias que na escola normal não tem. Como qualificação profissional. A qualificação que prepara a gente para o mercado de trabalho. Isso é muito importante. (Marciana, 24 anos. Solteira. Não trabalha).

Quanto à disponibilidade de material didático, os jovens afirmam a importância de receberem livros, com qualidade, e o mais importante é que, pela primeira vez, os livros são deles, podem manuseá-los, levá-los para suas casas.

Bom, porque assim você fica com uma agenda, coisa que eu nunca tive na minha vida. Sabia que era uma agenda porque comprava mesmo pra escrever, mas agenda de colégio nunca tive. Os livros são maravilhosos. (Vanessa. 24 anos. Solteira. Trabalho avulso).

O material didático é bem explicativo! Diferente de outras experiências! (Francisco Roberto, 24 anos; Solteiro. Não trabalha).

O livro vai ser meu. De qualquer maneira eu vou poder pegar para estudar e aprender mais ainda. (Germano, 25 anos. Solteiro. Trabalha com serviços gerais).

Na contramão do discurso propagado de que são rebeldes, marginais, irresponsáveis e apáticos, buscam a sociabilidade, a esperança, em diversos espaços. Um desse espaço, em especial, é a escola. Ainda quando negados na sua diversidade e desestimulados a prosseguir, tentam adentrar e permanecer nesse *locus*. Diante disso, é essencial trazer, mais uma vez, a discussão realizada por Madeira (1998), que aborda a necessidade de a escola ser mais sensível a essa escolha do jovem, assim como de ela também transformar-se em espaço mais agradável, que possibilite não apenas um aprendizado padrão, mas que seja, sobretudo, um local de

encontro, onde outros saberes floresçam, regados pelas vivências juvenis.

Acreditando que a escola precisa, de fato, ser mais acolhedora e conhecedora dos jovens que a frequentam, penso também ser essencial saber “qual o significado dessa escola para os jovens alunos”. É fundamental perceber o jovem na sua “positividade”, como sujeito social, capaz de participar, sugerir. E, apoiada em Dayrell (2000) compreender que o aluno não pode ser um “jovem desconhecido” na escola, enquanto espaço sociocultural, rica na construção da sociabilidade, múltipla em significados. Não basta apenas que os mundos de jovens e professores se encontrem. É preciso que haja mudanças profundas na escola, é preciso considerar e tratar o jovem como cidadão, respeitando seu saber e o seu direito à palavra (MATOS, 1998). São necessárias políticas educacionais que possam também ouvi-los. Concordo com Abramo (1997), quando adverte para o fato de que as políticas e projetos realizados, atualmente, vão no sentido de atender comunidades com baixa renda, tirar crianças e jovens da rua e colocá-los na escola, entre outras. São ações de abrangência pequena, atendendo a problemas imediatos, que não apostam muito na visão e necessidades socioeducacionais juvenis.

Desejos de paz

A educação para a paz é a educação para o diálogo, a compaixão, a tolerância, o acolhimento do outro (GUIMARÃES, 2005). Muitas vezes, os conflitos existentes demandam a consideração das dimensões ética e afetiva, que também devem ser apreendidas no espaço escolar, pois:

...a educação da afetividade pode levar as pessoas a se conhecerem e a compreenderem melhor suas próprias emoções e as das pessoas com quem interagem no dia a dia. *Grosso modo*, tratar-se-á de desenvolver uma postura analítica perante sentimentos e valores. (ARANTES, 2007, p.11).

Diante disso, decidimos realizar oficinas¹¹⁶ de cultura de paz nas salas de aulas com alunos e professores do Projovem, no intuito de percebermos o que compreendiam por paz e quais os seus desejos em relação à construção de uma cultura de paz em suas vidas.

São muitos os que ainda acreditam que estar em “paz” é “conservar-se passivo”, diante de um mundo que desejamos mudar para melhor. Assim, é necessário compreender que a “paz” de que muitos falam deriva do conceito de *pax romana* (JARÈS, 2007), ou seja, é forjada na coerção do exército romano. É uma “paz” em que armas e coação somam-se para obterem o silêncio, um dos piores tipos de violência humana (ARENDDT, 1994).

O autêntico diálogo freireano do qual tanto precisamos é aquele que, ao contrário, se rege pela amorosidade, pelo respeito ao diferente. E admiração pela diversidade e pela crença na horizontalidade das relações [...]. É uma ação cultural para a humanização. (ARAUJO FREIRE, 2006, p.14).

O conceito de *paz positiva*, por outro lado, está ligado à justiça, à sustentabilidade e aos direitos humanos. Esse conceito não nega os conflitos. Acredita na “... possibilidade de introduzir e de fazer emergir racionalidade nos processos conflitivos...” (GUIMARÃES, 2006, p.349).

A paz positiva pode ser trabalhada na escola por meio do diálogo, do respeito à diversidade, pois a escola, embora busque padronizar as pessoas (SANTOS, 1995), é, também, um *lócus* de polissemia, “dependendo da cultura e projeto dos diversos grupos sociais nela existentes.” (DAYRELL, 1996, p.144). É importante ressaltar que os professores são sujeitos essenciais para a construção da paz positiva nas escolas (MATOS, 2003; MATOS, 2007).

116 Os estagiários do Projovem responsáveis pelas oficinas de cultura de paz foram Élide Mônica e Carlos Alberto (Pedagogia - Universidade Federal do Ceará) e membros do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Juventudes e Escola (UFC). Cf. <http://ufcculturadepaz.webnode.com.br/>

Assim, a primeira oficina aconteceu na EMEIF Angélica Gurgel, localizada no polo II em Messejana, com 25 alunos, das três turmas existentes na escola. Inicialmente foi falado sobre a proposta, acolhida por todos. A partir desse momento, foram feitos exercícios teatrais (dinâmica corporal) para que os alunos relaxassem. A seguir, houve um trabalho em que duplas conversaram sobre o que compreendiam por “paz”: “O que você entende por cultura de paz? [...] O que é paz para você?”

Ao concluírem, levaram o resultado para o grupo maior, no qual as apresentações das produções individuais foram trabalhadas com a formação de *círculos de cultura de paz* (FREIRE, 2007). A partir da compreensão, o grupo discute o que é, de fato, cultura de paz para eles e, junto com os orientadores, reforça e amplia o entendimento, e a necessidade de construir uma cultura de paz. Várias palavras foram ditas pelo alunos para expressarem a sua compreensão sobre a paz: harmonia, sem violência, sossego, respeito, felicidade, família reunida, união, paz e amor. Partindo, então, dos saberes partilhados, foram discutidos os conceitos de “cultura de paz”, “conflito”, “violência direta e indireta”, “diálogo”, e o conceito de paz positiva. E, na medida em que iam sendo apresentados esses conteúdos, houve a participação efetiva dos alunos.

Foi possível relacionar a discussão às suas realidades cotidianas com foco sobre: o que caracteriza uma cultura de paz; que atitudes podemos ter para resolver conflitos; que outros tipos de violência conheciam; a influência da mídia na manutenção da desigualdade e, ainda, a importância do conhecimento e acesso aos direitos humanos e o respeito da diversidade.

A avaliação foi realizada por meio de desenhos, criação de frases, falas baseadas em suas histórias de vida. Houve um avanço significativo em relação ao que tinham apresentado inicialmente. A seguir, serão apresentados desenhos e alguns comentários dos jovens:



- “Paz é ter liberdade de expressão”
- “Cultura de paz é saber dialogar, resolver os conflitos com palavras”
- “Paz positiva: união, respeito são uma maneira de viver em harmonia e paz”
- “Paz é ter uma vida digna... viver em um ambiente saudável”
- “É um sonho que toda criança tem que ter: respeito tanto faz ser negra, parda, branca, pobre ou rica... criança na escola!... Paz é respeito, amor, compreensão carinho.”



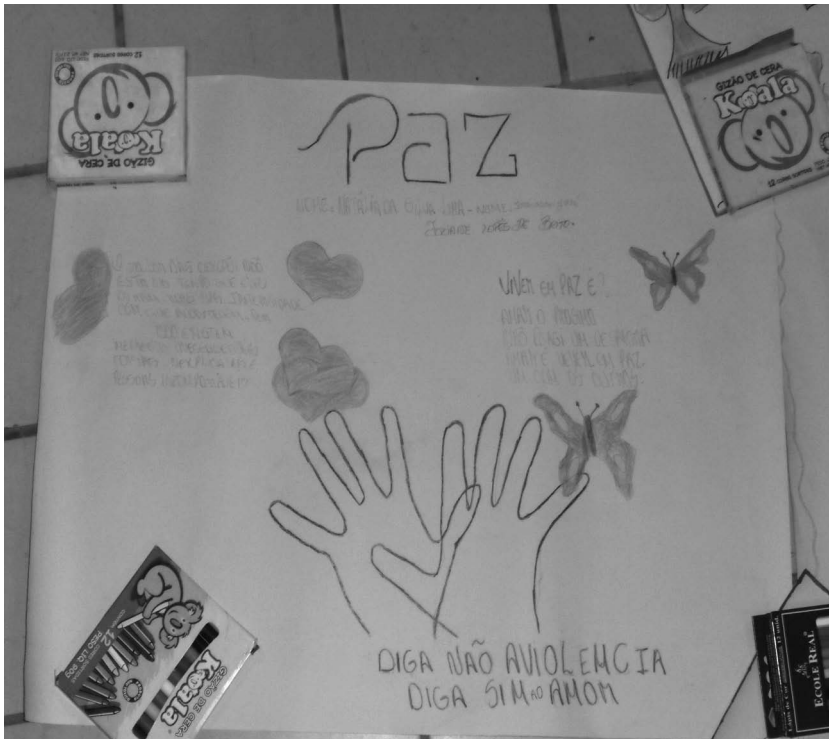
No encerramento, foi realizada uma meditação, baseada no Projeto do Prof. Dr. Harbans Arora (2007), que consiste em meditar, com os olhos fechados, posicionando as mãos juntas e os dedos polegares dobrados, com os demais dedos cobrindo-o (FURLANI, MATOS, 2012). São repetidas frases que se complementam, e todos repetem juntos: “Eu estou em paz”. “Nossas famílias em paz”. “O Projovem em paz”, “Nossa escola em paz”, “Nosso bairro em paz”, “Nossa cidade em paz”, “O Nordeste em paz”, “O Brasil em paz” e “O mundo em paz”. Após a meditação, foi solicitado que falassem dessa experiência. Vejamos um depoimento de uma aluna: “Senti muito bem, agradeço a vocês, parecia que estava em outro mundo quando você ia falando aquelas palavras na meditação”.

Outras oficinas aconteceram, inclusive, a partir da demanda de professores e coordenadores do Projovem, em virtude do êxito das primeiras. Houve trabalhos com grupo de alunos para

que discutissem sobre cultura de paz. Destacamos, a seguir, o registro feito por duas equipes:

Nós entendemos sobre cultura de paz que é quando temos o direito de expressar nossas opiniões e conceitos [...] quando temos nossos direitos garantidos, sem nenhum tipo de interrupção, e também agir a favor de nós todos. (Equipe 1)

Cultura de paz positiva é saber respeitar os outros, resolver conflitos com um bom diálogo, transmitir coisas boas, pensamentos positivos, conversar em grupos por um objetivo de paz e amor próprio. (Equipe 4)



Educar para a paz é um exercício metodológico do diálogo, do cuidar de si e do outro na construção do conhecimento em que estão presente também a cordialidade, a gentileza, a reconexão com tudo e com todos (YUS, 2002). Vivemos ainda sem consciência da nossa unidade humana (RABBANI, 2006).

A educação para a paz é a educação para o acolhimento do outro. É um processo em que somos os sujeitos que podem instaurá-lo, assumindo-o enquanto construtores coletivos, ou seja, não é possível pensar em paz individual. Somos os responsáveis pela construção de culturas de paz que possibilitem a existência da tolerância e do multiculturalismo, estabelecendo ações para empreender esse processo (GUIMARÃES, 2005).

Pensar e sentir são ações indissociáveis. É preciso educar também sentimentos, emoções, valores, pois expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos. Por outro lado, a educação da afetividade pode levar as pessoas a se conhecerem e a compreenderem melhor suas emoções e as emoções dos outros ao seu redor. Assim, podemos ajudar os jovens a encontrarem conexões/significados em suas vidas, além de ficarem mais preparados para a resolução de conflitos, pois o mesmo conflito pode receber tratamentos diferentes, dependendo do estado emocional de quem o enfrenta. Que possamos, então, dialogar mais sobre a esperança e a paz, apostando nas potencialidades das juventudes.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta; Anpocs, 1994.

_____. **Os jovens como foco das ações da sociedade brasileira**. São Paulo, 1999. 24 p. Apresentado ao *II Seminário Juventude, Metrópole e Violência*, realizado pelo Núcleo de Estudos do Depto. de Antropologia da PUC, abr. 1999.

ADRIANO, Carolina Nogueira. Qualificação Profissional no Projovem: a experiência de Fortaleza In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; SILVA, Paulo Roberto de Sousa (Orgs.). **Juventudes e formação de professores: o Projovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. (p. 96-104)

ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na educação. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm> Acesso em 30.05.2007.

ARAUJO FREIRE, Ana Maria. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Revista Educação**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n. 2, maio/ago. 2006.

ARENDR, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 1994.

ARORA, Harbans Lal. **Terapias quânticas**: cuidando do ser inteiro. Qualitymark, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1983.

BRASIL. **Projeto Pedagógico Integrado do Projovem Urbano**. Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem Urbano, 2008.

CAMPOS, Irenice de Oliveira; BRITO, Danielle Cláudio; ANDRADE, Ayla Patrícia de. A experiência da Ação Comunitária no Projovem em Fortaleza. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; SILVA, Paulo Roberto de Sousa (Orgs.). **Juventudes e formação de professores**: o Projovem em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2008. (p.83-95)

CAMPOS, Irenice de O; MATOS, Kelma S. L. de. A coragem de experimentar uma gestão democrática In VIEIRA, Sofia L. erche. (Orgs.). **Eleição de diretores**: o que mudou na escola?. Brasília: Editora Plano, 2001. p.129-146.

CARRANO, Paulo C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Juventude, educação e sociedade. Movimento**. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000. n.1. p. 11-27.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio cultural. In: _____. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p.136-161.

_____. Juventude e escola. In: SPOSITO, Marília. **Estado do conhecimento**: juventude. Brasília: INEP, 2000.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FURLANI, Daniela Dias; MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Paz coletiva: a paz que querem jovens da Escola Joaquim Antônio Albano.

In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade III**. Fortaleza: Editora UFC, 2012. p.38-54.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUIMARÃES Marcelo Rezende. **Paz: reflexões em torno de um conceito**. Disponível em http://www.dhnet.org.br/educar/balestreiri/inquietude/marcelo_rezende.htm. Acesso em 12.05.2005.

JARES, X. R. **Educação para a paz**: sua teoria e prática. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **Educar para a paz em tempos difíceis**. São Paulo: Palas Athenas, 2007.

LUCK, Heloisa. Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores. **Em aberto**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, v.17, n.72, p. 11-34, fev/jun. 2000.

MACLAREN, Peter. **A vida nas escolas**: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MADEIRA, Felícia. Recado dos jovens: mais qualificação. In: CNPD. **Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998. p.427-498.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Juventude, professores e escola**: possibilidades de encontros. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2003.

_____. Juventudes e cultura de paz: diálogos de esperança. In: PINTO, A.C.; ARAÚJO, C.J.S.; COSTA, H. L. (Orgs.). **Formação do pesquisador em educação**: questões contemporâneas. Anped. Macaé: EDUFAL, 2007. p. 215-224.

_____. Formação Docente do Projovem em Fortaleza: aprendizados, vivências e esperanças. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; SILVA, Paulo Roberto de Sousa (Org.). **Juventudes e formação de professores**: o Projovem em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 23-35.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; NONATO JUNIOR, Raimundo. O Projovem em Fortaleza e a Educação para a Juventude: percepções de jovens e docentes In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; SILVA, Paulo

Roberto de Sousa (Orgs.). **Juventudes e formação de Professores: o Projovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 54-68.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de LUZ, Angélica Maria Santos; SOUZA, Cícera Aline de Sousa. Formação de Professores no Projovem Fortaleza: processos dialógicos na construção de um modelo de formação integral. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Projovem: experiências com formação de professores em Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.13-20.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: PERALVA, Angelina, SPÓSITO, Marília Pontes. (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n.º 5 e 6, p. 5-14, maio/dez. 1997.

NOVAES, Regina R. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, Helena W.; FREITAS, Maria Virgínia de; SPÓSITO, Marília Pontes. (Orgs.). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 46-70.

PARO, Vitor H. **Por dentro da escola pública**. São Paulo: Xamã. 1995

PARÂMETROS **Curriculares Nacionais**. Parte I – Bases Legais. Brasília, 2000.

PERALVA, Angelina T. O jovem como modelo cultural. In: PERALVA, Angelina; SPÓSITO, Marília Pontes. (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 5 e 6, p. 15-24), maio/dez. 1997.

PLANO Nacional de Formação para Gestores, Formadores e Educadores. Brasília: ProJovem Urbano, 2008

POLÍTICAS públicas de/para/com juventudes. Brasília: UNESCO, 2004.

RABBANI, Martha Jalali. **Porquê educar para a paz**. Disponível em <http://www.inpaz.cjb.net/Salvador>. 01/02/2002. Acesso 30.10.2006

SANTOS, Boaventura de S. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Rio de Janeiro. Palestra proferida no VII Congresso Brasileiro de Sociologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 4 a 6 de setembro, 1995

SALGADO Maria Umbelina Caiafa. (Org.). **Manual do educador do Projovem** – Unidade formativa I. Coleção Projovem. Brasília: Presidência da República. Secretaria Geral, 2005.

SANTOS, Deribaldo. A qualificação profissional no Projovem: limites e possibilidades das políticas públicas neoliberais. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; SILVA, Paulo Roberto de Sousa. (Orgs.). **Juventudes e formação de Professores: o Projovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p.103-117.

SILVA, Paulo Roberto de Sousa. O projeto pedagógico do Projovem e os desafios da integração: a arte de equilibrar-se entre o proposto e o imprevisível. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; SILVA, Paulo Roberto de Sousa. (Orgs.). **Juventudes e formação de Professores: o projovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p.36-53.

SOARES, Rosileide de Maria Silva; BRAGA, Jaceline de Lima; DUARTE, Livia Maria MATOS, Kelma Socorro Lopes de. A formação e contribuições da qualificação profissional na articulação das dimensões educativas do Projovem Fortaleza. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). **Projovem: experiências com formação de professores em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.32-43.

SPOSITO, Marília P. Jovens e Educação: novas dimensões de exclusão. **Em Aberto**, Brasília, a. 11, n. p. 7-56, out./dez.1992.

_____. Estudos sobre juventude em educação. In: PERALVA, Angelina, SPÓSITO, Marília Pontes. (Orgs). **Juventude e Contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 5 e 6, p. 37-52, maio/dez. 1997.

TORRES, Ártemis; GARSKE, Lindalva Maria N. Diretores de Escola: o desacerto com a democracia. **Em Aberto**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, v. 17. n. 72, p. 60-70, fev./jun. 2000.

TILLMAN, Diane; COLOMINA, Pilar Quera. **Programa Vivendo valores na Educação**: guia de capacitação do educador. São Paulo: Editora Confluência, 2004.

YUS, Rafael. **Educação Integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.